



Isto é uma luta que nunca está ganha. O que está na base de tudo é a integração. Tem a ver com os miúdos sentirem-se bem, sentirem que têm amigos, sentirem-se acompanhados. E isto é um trabalho que é da escola e é da família”.

Luís Fernandes

Reportagem

Pelo menos um em cada quatro alunos está envolvido

Bullying trocado por miúdos

Zé. O nome que escolheria caso o pudesse ter feito. Assim, sem hesitações, como se já o tivesse pensado há muito. Na mão segura um cigarro improvisado. Só papel, mas com a linha do filtro devidamente delimitada, pintada a marcador laranja, brincando aos adultos.

Dez anos completos e um arrepio que sobressai no cabelo loiro, o seu grande motivo de orgulho. Olhos grandes e sorriso fácil.

Está habituado a desafiar as regras, impondo a sua irreverência ou, simplesmente, chamando só a atenção. E, daí, não ser de admirar que tenha decidido “fabricar” um cigarro, desses que não pode, ou sabe que não deve fumar. Mas a justificação, afinal, não é esta. Zé garante que só o fez porque não tem muito jeito para fazer aviões de papel.

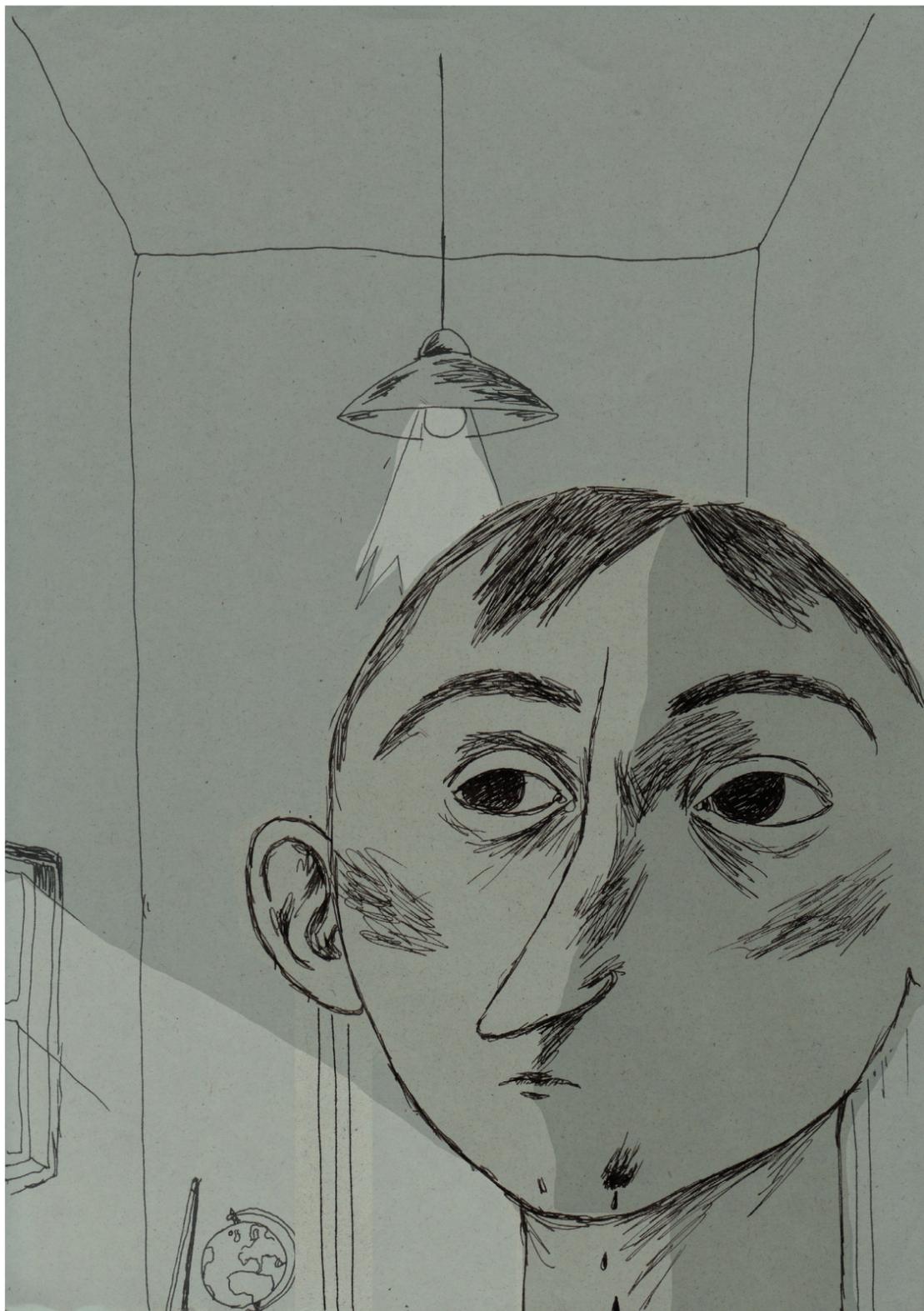
O Zé, nome fictício para proteger a sua verdadeira identidade, é considerado “agressor”, ou melhor “uma vítima-agressora”, quando se fala em *bullying*, e para que se fale neste termo é necessário existirem diversas características, nomeadamente acontecer entre alunos, serem comportamentos repetidos, ocorrer uma relação de desequilíbrio e existir a intenção de magoar os outros.

“É um miúdo que acaba por ser vítima e agressor. É vítima do aluno mais velho, mas depois é agressor do aluno mais novo”, conta Luís Fernandes, psicólogo da Associação Sementes de Vida, enquanto afasta também o casaco que veste, que envergou pela mesma hora que acordou a manhã, com os termómetros a baterem nas temperaturas baixas.

Luís Fernandes dedica-se à erradicação do *bullying* nas escolas do distrito de Beja, e não só, ultrapassando a fronteira regional e mais além. Todas as semanas, sempre.

Luís é, como apelida Zé, “o polícia do *bullying*”. Há quem o assemelhe ao “Hulk do *bullying*”, daí não ser de estranhar que um miúdo lhe tenha oferecido uma miniatura desta personagem verde de banda desenhada, e que Luís a guarde religiosamente, juntamente com tantas outras pequenas ofertas que os seus pequenos amigos lhe dão, para garantirem que ele, o tal combatente do *bullying*, da violência na escola, não se esquece deles, de os acompanhar, de os ouvir.

Um miúdo perguntou-lhe



Zé, Luís e Mariana. Três alunos envolvidos em situações de *bullying*, em estabelecimentos de ensino iguais a tantos outros, ou até na Internet. A violência na escola, na infância, na adolescência, escarrapachada nos seus rostos, sejam eles vítimas ou agressores. Um grito de apelo de integração, sinalizado e a ser acompanhado. É que pelo menos um em cada quatro alunos está envolvido. Texto Bruna Soares Ilustração Susa Monteiro

recentemente: “É o senhor que mata o *bullying* na escola?”. E de tão inusitado, de tão puro, tudo lhe fez ainda mais sentido.

Luís é ainda coautor do livro **Plano Bullying**, que foi publicado há pouco mais de um ano, e na última década tem coordenado e supervisionado vários projetos nesta área em todo o País, dando ações de formação e sensibilização a pessoal docente e não docente, a alunos, entre outros.

Luís acompanha Zé desde que foi sinalizado. “Teve uma série de comportamentos agressivos e a própria família tinha alguma dificuldade em lidar com a situação, pois recebia permanentemente chamadas da escola e no terceiro ano não é suposto isso acontecer. A sinalização teve a ver com comportamentos que não eram adequados em sala de aula e com comportamentos que eram agressivos em contexto de recreio”, recorda Luís.

Estão há três anos a tentar controlar, em conjunto, as emoções. O aluno, de cabelo arrepiado, gosta da escola quanto basta. Como pontos negativos aponta o facto de gozarem muitas vezes com o seu verdadeiro apelido. Por vezes tenta ignorar, mas por vezes não pode deixar passar. É assim que argumenta, enquanto arregala os olhos, para que o percebam, definitivamente. Repousa as mãos sobre a mesa e descontrai. O discurso flui-lhe como a água de um rio a desaguar para o mar. Está habituado a falar em frente a Luís, o tal “polícia do *bullying*”, companheiro de tantas horas, numa sala aquecida, composta por mesas e cadeiras baixas, a contrastar com os corredores frios da escola que frequenta.

“Sou preguiçoso, não gosto de trabalhar e às vezes sou agressivo. Tenho ataques de fúria e sou bonito”. É assim que se define Zé, com toda a sinceridade do mundo. E admite: “Quando me dizem para pensar, só se for para pensar duas vezes. Antes de fazer mal. Dizem que com os erros é que nós aprendemos. Mas sou bom, não sou mau”.

Reage por impulso, mas considera-se, inclusive, apaziguador de situações. Mas tem vezes que as emoções o todam. Joga uma e outra vez pedras ao chão, para que a fúria, essa danada, se vá. Conta até 10, aperta a mão e belisca-se. E por vezes resulta, mas tem dias que não, e são esses os piores dias, quase sempre.